



**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A
 RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA**

**PROFESSIONAL ORIENTATION FOR POPULAR CLASSES: DEVELOPING THE SOCIAL
 RESPONSIBILITY OF PSYCHOLOGY**

Douglas Amorim Alves Dias¹, Cristiane Moreira da Silva², Luiz Felipe de Oliveira Pacheco³

e351411

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i5.1411>

PUBLICADO: 05/2022

RESUMO

A Orientação Profissional (OP) constitui-se como uma ferramenta da Psicologia, que tem por finalidade auxiliar o indivíduo na construção de seu projeto de vida. O principal público da OP são adolescentes ou jovens adultos que estão prestes a ingressar no mercado de trabalho ou no Ensino Superior, prioritariamente consumido pela rede privada de ensino. Dito isto, a proposta desta pesquisa foi investigar se existem modelos específicos de aplicação de OP à realidade das classes populares e/ou se é necessária uma nova proposta para atender este público. A temática justifica-se pela importância contributiva aos estudos da Psicologia, Educação e Políticas Públicas. Esta pesquisa pretende responder os seguintes questionamentos: existem modelos de intervenção vigentes em OP, capazes de atender as necessidades das classes populares, ou haveria a necessidade de uma nova proposta de intervenção? Para isso, foi realizada uma revisão de artigos científicos que abordam o tema da OP em rede de ensino pública. A partir do estudo do histórico da OP, bem como dos dados obtidos sobre a prática realizada no Estágio Supervisionado em Processos Educativos, ficou evidenciada a importância da OP na escola pública, além do fato de que não existe um modelo específico que se adeque a esse contexto. Conclui-se que os investimentos teóricos e metodológicos da OP, quanto as classes populares são importantes para assegurar o avanço desta ferramenta e para a elaboração de novas estratégias de ação.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação Vocacional. Classes populares. Modelos Vigentes de atuação

ABSTRACT

Vocational Guidance is a tool of Psychology, which seeks to help the individual in the construction of his life project. OP's main audience is young people who are about to enter the job market or higher education. However, nothing prevents an adult from being oriented towards a professional outplacement. That said, the purpose of this article is to investigate whether there are specific models of VP application to the reality of the popular classes and/or whether a new proposal is needed to meet this audience. The theme is justified by the importance to the studies of Psychology, Education and Public Policies. This research intends to answer the following questions: are there current intervention models in Vocational Guidance, capable of meeting the needs of the popular classes, or is there a need for a new intervention proposal? For this, a bibliographic review was carried out, through the consultation of books and scientific articles that address the topic of VP in public schools, with selected research carried out at different stages of educational development. From the study of Vocational Guidance history, as well as the data obtained on the practice carried out in the Supervised Internship in Educational Processes, the importance of VP in public schools was evidenced, in addition to the fact that there is no specific model that fits the this context. It is concluded that the theoretical and methodological investments of the VP, as well as the popular classes, are important to ensure the advancement of this tool and for the elaboration of new action strategies.

KEYWORDS: Professional Orientation. Popular Classes. Current Models of Action (Performance)

¹ Mestrando no curso de Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis.

² Professor da UCP, Coordenador Adjunto do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis UCP.

³ Direito pela Universidade Estácio de Sá.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

INTRODUÇÃO

A orientação profissional se constitui como uma prática de atuação da Psicologia, tendo por objetivo facilitar o momento da escolha por uma carreira, auxiliando-o a compreender sua situação específica de vida, na qual estão incluídos aspectos pessoais, familiares e sociais. É a partir dessa oportunidade que o jovem terá mais condições de se conhecer e definir a melhor escolha no seu projeto de vida.

Transitar pela adolescência no século XXI tem se mostrado uma tarefa árdua, com um desafio que merece uma atenção especial dos adultos, do Estado e do próprio adolescente. Para o mundo adulto, no qual é necessário e obrigado lidar com padrões de referências e modelos de ação no mundo muito distintos dos seus. Para o Estado, que tem na adolescência um problema central em termos de formação, inserção no mercado de trabalho, sexualidade, saúde, segurança, consumo e família. E para o próprio adolescente, que necessita lidar com um mundo adulto que lhe dá poucas referências e modelos que, muitas vezes, são confusos, inseguros e contraditórios, e se vê obrigado a praticamente criar referências e construir formas de ser em um mundo contemporâneo caracterizado como complexo e extremamente flexibilizado.

Com o objetivo de realizar uma reflexão crítica, a respeito do histórico da OP e suas diferentes abordagens, sobre a aplicação destas em um ambiente pouco explorado, as classes populares, apontando alguns modelos de intervenção existentes ou se há um melhor modelo que se adequa a este tipo de público. Ou, ainda, se há a carência de adaptação para um novo modelo de atuação propomos uma pesquisa narrativa.

Considerando a narrativa como um processo de produzir conhecimento, sobretudo, o conhecimento científico, pode ser explicada como uma ação, processo ou efeito de narrar, exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou imagens.

A pesquisa bibliográfica narrativa tem muito a contribuir para as pesquisas em Psicologia, visto que, ela possibilita uma melhor compreensão da situação atual do problema central do estudo científico, bem como a colocação mais precisa dos objetivos e hipótese de trabalho. Neste tipo de pesquisa, são utilizadas fontes secundárias de informação, tais como artigos, livros e relatórios de pesquisas.

Levando em conta a possibilidade de as escolhas profissionais serem realizadas de maneira pouco consciente, a imposição dos determinantes econômicos e culturais a que está submetido o orientando, pondera-se que a Orientação Profissional pode ser um espaço para reflexão sobre as possibilidades, a realidade e os limites que enfrentam, incluindo a entrada no mercado de trabalho, bem como para conhecer a si próprio.

Em contrapartida, a pesquisa e a execução da OP para classes populares, pode favorecer o rompimento da visão elitizada, internalizada pela maioria dos orientadores, expandindo discussões e novas formas de pensar e produzir este conhecimento.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Sendo assim, as reflexões propostas parte dos seguintes questionamentos: existem modelos de intervenção vigentes em Orientação Profissional, capazes de atender as necessidades das classes populares, ou haveria a necessidades de uma nova proposta de intervenção, a fim de atender as demandas deste público?

O presente texto narra acontecimentos, no que tange a construção da Orientação Profissional e Vocacional, no âmbito das classes populares, promovendo uma análise crítica a respeito desses aspectos. Foi possível identificar que, as condições educacionais precárias e os desafios do acesso à informação, fazem com que os estudantes das classes populares, apresentem dificuldades em realizar uma escolha responsável, consciente e madura. Sendo assim, esta pesquisa justifica-se por contribuir para os estudos no campo da Psicologia, Educação, Políticas Públicas Educacionais e de Saúde, entendendo a OP como uma ferramenta de prevenção e promoção de saúde dentro do contexto das classes populares.

Pode-se concluir que a OP necessita ser reavaliada a fim de atender as demandas desse público. Os modelos existentes de classe média e alta são os únicos vigente e não servem na totalidade para esses jovens. São necessárias mais pesquisas que possam abarcar os estudos com este público, para que se possa compreender como lidar com esta camada social, que por muitas vezes é ignorada pelas autoridades pública, pelos pesquisadores e pelos profissionais que utilizam a OP como uma ferramenta de desenvolvimento humano.

RESGATE HISTÓRICO SOBRE A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Para que se compreenda como foram construídas as metodologias, os instrumentos e as abordagens que compõe a OP nos dias de hoje, é necessário realizar um resgate histórico, para entender como a OP se tornou uma ferramenta que pode ser utilizada para prevenir e promover saúde.

A aplicação da Psicologia às relações de trabalho aparece no Brasil na década de 20, principalmente em razão da regulamentação dos cursos destinados à profissionalização para o comércio, indústria e agricultura. Do ponto de vista prático, a primeira experiência de aplicação sistemática da Psicologia à organização do trabalho ocorreu em 1924, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob a direção do engenheiro suíço Roberto Mange e consistiu na seleção de alunos para o Curso de Mecânica Prática da referida escola. A esta experiência muitas outras se seguiram, das quais cabe destacar as relativas às empresas ferroviárias: em 1930, foi criado o curso de Ferroviários de Sorocaba e o Serviço de Ensino e Seleção Profissional da Estrada de Ferro Sorocabana. A partir de então, a aplicação da Psicologia ao trabalho teve acelerado desenvolvimento, expandindo-se para um grande número de empresas. O cenário político-econômico brasileiro era composto pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas (1930-1945) e pela mudança de um modelo de economia agrário-exportadora para uma economia urbano-industrial (LEMOS, 2005, p. 16).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Na década de 20, pode-se vislumbrar que a Psicologia estava iniciando seu avanço no que diz respeito a OP, mas é bem nítido que ainda havia um longo caminho para ser percorrido, para que a OP se configurasse numa prática madura, respeitada e pesquisada cientificamente.

O governo do General Dutra (1946-1950), por sua vez, foi marcado pela ideologia liberal e pela mudança na Constituição (1946), que passou a dar grande ênfase à cultura e à educação e neste sentido era bastante divergente da Constituição de 1937. Se até então a preocupação da Educação era o preparo das elites, na década de 40 passava a ser o atendimento aos contingentes que se formavam nos centros urbanos. A defesa da educação como direito de todos teve sua contrapartida na hipótese de que as pessoas não eram igualmente dotadas pela natureza para usufruírem a oportunidade que o Estado lhes dava e, para justificar essa conclusão, os testes psicológicos, e seu caráter científico, foram amplamente usados. Neste clima social, foi criado o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas (GOULART, 1985 *apud* LEMOS, 2005, p. 16).

Foi através do ISOP que a OP começou a ser reconhecida e valorizada, para cumprir seu papel, que até o momento era de apontar qual o indivíduo tinha aptidão vocacional para matemática e qual tinha para português, por exemplo.

“O ISOP foi criado em 1947 com o objetivo básico de contribuir para o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, mediante estudo científico das aptidões e vocações do primeiro e dos requisitos psicofisiológicos do segundo. O ISOP desenvolveu nos dez primeiros anos de seu funcionamento um trabalho voltado principalmente para a implantação de técnicas de seleção e orientação profissional, dando atendimento à classe média alta, numa tentativa de orientação da futura elite dirigente. Esse instituto também foi responsável pela formação dos primeiros especialistas na área da Psicologia” (BOMFIM, 2003 *apud* LEMOS, 2005, p. 16).

É possível identificar que a OP foi pensada e construída, como uma ferramenta, para ser aplicada única e exclusivamente na classe elitizada, e até hoje é possível verificar resquícios dessa prática que tinha como objetivo atender somente as camadas da alta sociedade.

A instalação do ISOP no Rio teve especial importância para a criação do Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP) em Belo Horizonte. O SOSP foi criado pela Lei nº 482, de 11 de novembro de 1949, com o objetivo de orientar vocações no meio escolar e estabelecer critérios para a seleção de pessoal destinado à administração pública e organizações particulares. O SOSP foi o primeiro instituto no país sob responsabilidade governamental (GOULART, 1985 *apud* LEMOS, 2005, p. 17).

Para o autor, os testes vocacionais tinham a finalidade de orientar profissionalmente os jovens para uma escolha coerente com suas aptidões, mas principalmente com vistas à maior eficiência do processo produtivo. Direcionando os indivíduos para diferentes profissões pelas suas capacidades, sem considerar as diferentes condições de classe ou a história de vida do sujeito, a OP transformava as determinações sociais em características inerentes ao indivíduo.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Observa-se que as primeiras práticas da OP estavam voltadas em ajustar o indivíduo para o mercado de trabalho, ignorando a sua subjetividade e se atendo somente a incluir os jovens para que a produção das empresas fosse mais eficiente e que garantissem mais lucro para os seus respectivos proprietários.

Segundo LEMOS (2005), no início do século XX a OP se estabelece como uma modalidade rigorosamente psicométrica. Os engenheiros e os empresários foram seus principais contribuintes e apoiadores. Neste mesmo século, para se formar como psicólogo, era necessário se habilitar nos cursos de Filosofia, Pedagogia e Ciências Sociais, cujos estágios eram realizados em instituições especializadas, podendo então, exercer o ofício de psicólogo. Em 1962 que a Psicologia foi reconhecida como profissão legal no Brasil (LEMOS, 2005, p. 16).

Talvez esta seja a explicação do porquê a OP até hoje, carrega um estigma injusto, e é entendida não só por pessoas leigas, mas pelos próprios psicólogos, como uma prática estritamente voltada para aplicações de testes. Com este resgate histórico, é possível identificar que ela foi constituída e criada por cursos, que não o da Psicologia, mas cursos que valorizam praticamente e somente pesquisa quantitativa e experimental.

Conforme referência, Lemos (2005), sob a influência de Rogers, nos Estados Unidos, o método de diagnosticar e aconselhar utilizando somente como instrumento os testes psicológicos, estavam sendo deixados de lado e substituídos pelo auxílio do autoconhecimento. Já na Europa, os aspectos do inconsciente eram os mais utilizados, no que tange a OP, sob a influência de Freud. No Brasil, só se dava o devido valor, quando a Psicologia Clínica era relacionada a pesquisas de cunho científico. (LEMOS, 2005, p. 17)

Rogers (1960) e Freud (1960) contribuíram para que a OP começasse a ser entendida e aplicada, não só com a utilização de testes e afins, mas como uma intervenção que levava em consideração aspectos da vida do indivíduo, que eram desconsiderados nos testes, como por exemplo, o inconsciente, o autoconhecimento e os aspectos sociais e econômicos.

Um novo cenário político econômico foi delineado no período que vai de 1964 a 1968, quando se implantou o novo regime, o governo militar: foram traçados os rumos da política de recuperação econômica, houve repressão e contenção dos movimentos estudantis. Houve uma ruptura dos canais de participação política e a pretensa participação na estrutura de poder, que antes já era garantida a bem poucos foi totalmente eliminada. Toda a visão crítica e não-quantitativa foi bloqueada e restaram à Psicologia a abordagem experimental e psicométrica” (GOULART, 1985 *apud* LEMOS, 2005, p. 18).

Neste momento é possível identificar que a ditadura fez com que a OP voltasse a dar passos largos para trás, no sentido de valorizar e apoiar somente pesquisas e intervenções quantitativas, que levassem em consideração apenas o que podemos evidenciar e mensurar, apreciando novamente que somente a aplicação de testes quantitativos eram necessários para que o indivíduo pudesse realizar uma escolha consciente e madura por uma profissão, menosprezando as pesquisas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

que levam em consideração a subjetividade e outros aspectos que tornam o ser humano único e singular.

“Após várias manifestações sociais de descontentamento com o ensino superior brasileiro, foi instituída, em 1968, a Reforma Universitária que propunha a departamentalização das faculdades universitárias. As instituições que mantinham cursos de Psicologia promoveram um agrupamento em departamentos que reuniam professores de disciplinas afins. Com relação à Psicologia Social, disciplina obrigatória do currículo mínimo de Psicologia, a tendência foi a formação de departamentos que incluíam, além da disciplina Psicologia Social, as disciplinas: Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, Seleção e Orientação Profissional e Psicologia da Indústria. Contudo, os programas da disciplina Seleção e Orientação Profissional pautados no uso excessivo de testes psicométricos, nem sempre se aliavam com os de Psicologia Social” (BOMFIM, 2003 *apud* LEMOS, 2005, p. 18).

A década de 60 foi um marco dicotômico, porque ao mesmo tempo em que a procura da população por uma vaga na universidade aumentou, a ditadura estava acontecendo e as instituições foram expandidas, porém, privatizadas, o que não mudou muito a realidade da população mais carente. Tendo em vista este momento tão delicado, pode-se identificar a dificuldade de aproximar a disciplina Seleção e Orientação Profissional da disciplina Psicologia Social, o que hoje, constata-se é praticamente impossível pensar numa e excluir a outra, visto que as duas se complementam e contribuem para que a prática da OP esteja mais voltada ao indivíduo e sua singularidade e não somente para as suas habilidades, que são medidas e identificadas pelos testes psicométricos.

É importante salientar que o uso dos testes psicométricos como auxiliares no processo da escolha de uma profissão, é extremamente válido. Só não podemos deixar de considerar toda subjetividade e singularidade que os seres humanos possuem e que os tornam únicos.

Apesar de, na década de 70 terem sido reduzidos os números de publicações sobre OP, neste período surge Rodolfo Bohoslavky em 1971, na Argentina, com seu livro revolucionário, trazendo estratégias de atuação na clínica empregando a OP, que desde então passou a ser a maior influência para os orientadores do Brasil. Foi nesta década que se deu início aos registros dos primeiros trabalhos de OP em grupo (LEMOS, 2005, p. 19).

Rodolfo Bohoslavky foi extremamente importante para a construção da Orientação profissional, principalmente no que tange a OP, em sua abordagem clínica. Ele foi um grande teórico e pesquisador que é capaz de inspirar muitos profissionais até os dias de hoje.

“Os alunos do último ano do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) atendiam pessoas da comunidade com supervisão dos professores. Além do aumento do número de atendimentos que eram feitos individualmente, a insatisfação com a teoria traço e fator que fundamentava os trabalhos até então, contribuíram para que uma nova proposta de trabalho fosse construída pelos professores e alunos da USP: trabalho em grupo com início, meio e fim no qual eram abordados aspectos da personalidade, bem como do trabalho e as condições de mercado. Carvalho foi a primeira professora da disciplina e do estágio em Orientação Profissional na USP. Ela também é responsável direta pela vinda de Bohoslavky ao Brasil; ao conhecer seu livro sobre a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

estratégia clínica em Orientação Vocacional, ela o convidou para ir à USP dar um curso, que se repetiu várias vezes em São Paulo e no Rio de Janeiro". (CARVALHO, 1995 *apud* LEMOS, 2005, p. 19).

De acordo com Lemos (2005), nos anos de 1980, a Psicologia e a OP, buscavam uma redefinição de suas práticas. A transição do regime militar para uma democracia, estava ajudando no processo de democratização dessas práticas. Neste mesmo período, houve mudanças no ISOP, que deixou de ser denominado Instituto de Seleção e Orientação Profissional e passou a ser chamado de Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais (LEMOS, 2005, p. 20). É possível notar que, aos poucos, a Psicologia estava interessada em reformular as práticas de OP, principalmente quando o governo ditatorial estava terminando. Essas mudanças eram necessárias, visto que o indivíduo era responsabilizado por suas escolhas ou pela falta delas, criticado e culpabilizado, sem levar em consideração as suas vulnerabilidades socioeconômicas.

Dentro desta ótica, Lemos (2005) aponta que, embora o enfoque clínico estivesse se consolidando, o número de publicações sobre OP ainda era bastante reduzido, principalmente se comparados com os números de publicações dos anos 1950 e 1960. Apesar das teorias e metodologias ainda buscarem seus referenciais na psicologia individual, as questões sociais que permeiam os seres humanos estavam começando a ser levados em consideração no processo de escolha profissional. Nos dias atuais, é possível identificar práticas voltadas para a Psicologia Individual, que são capazes de excluir a subjetividade dos indivíduos e suas questões econômicas, sociais, culturais e educacionais.

A criação, em 1993, da Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP) foi um marco histórico importante para a Orientação Profissional, já que esta associação objetiva consolidar um espaço onde existia a possibilidade de construção da identidade do orientador profissional, bem como representa a possibilidade de organização de categoria e a definição de políticas para este campo de atividade sem nosso país. A ABOP organizou e lançou, em 1997, o primeiro número da Revista da ABOP, atualmente denominada Revista Brasileira de Orientação Profissional, e até hoje vem contribuindo para que a produção de novos trabalhos em Orientação Profissional torne-se novamente expressiva. (LEMOS, 2005, p. 21)

Os profissionais interessados no tema OP, agregaram-se a partir do ideal de construir algo que significasse o desenvolvimento da OP no Brasil, unindo esforços e experiências que compartilhavam dos mesmos questionamentos, das mesmas angústias, das mesmas inquietações e do sentimento de isolamento, frequente no cotidiano profissional. Com o mesmo objetivo, surgiu a ABOP, que hoje realiza encontros científicos bienais e mantém revista semestral com o objetivo de divulgar trabalhos e pesquisas em Orientação Vocacional e áreas afins.

AS DIFERENTES ABORDAGENS EM ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

A OP pode ser exercida tendo como base teórica e prática os diferentes referenciais da Psicologia. É possível apontar três abordagens consistentes que são empregadas até os dias de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

hoje. São elas: abordagem educacional, clínica ou organizacional. Essas abordagens podem ser aplicadas tanto individualmente como em grupo, e podem ser sustentadas em teorias e procedimentos técnicos diferentes.

Independentemente da teoria ou procedimento utilizado, a OP tem em comum, o fato de priorizar a relação homem-trabalho, seja na escolha dos estudos a seguir, dos conflitos que surgem no desempenho do papel profissional, ou, ainda, no que diz respeito à reorientação ou ao planejamento de carreira.

A abordagem educacional caracteriza-se por ser um trabalho realizado com crianças e adolescentes e está normalmente vinculada ao ensino fundamental, médio e universitário. De acordo com Soares (2000), a escola não é apenas um lugar para fornecer conhecimentos teóricos, mas também, para preparar o indivíduo para o trabalho, oferecendo uma formação adequada para o ingresso no mundo adulto, desenvolvendo suas potencialidades afetivas, cognitivas e sociais (LEMOS, 2000, p. 25). Sabe-se que na prática não é exatamente assim que acontece. Em geral, nas escolas não existem atividades sistemáticas de informação e OP, embora muitas afirmem estar realizando um trabalho nessa área. A escola está longe de responder aos objetivos para os quais foi criada, sendo, portanto, fundamental e urgente um trabalho de OP.

É aconselhável que a abordagem educacional seja iniciada já na pré-escola, quando as professoras trabalham temas relacionados às diferentes profissões e ocupações. Os valores, os estereótipos, o significado e a importância dada às diferentes profissões, contribuem para o desenvolvimento da futura identidade profissional.

Para contribuir na eliminação desses problemas não resolvidos pela escola, é imprescindível que se exerça a OP, que poderá ter diferentes enfoques e objetivos, dependendo principalmente de seu público e suas demandas específicas. Poderá exercer influência em vários setores dentro das instituições de ensino, sendo eles: Orientação para o trabalho, Orientação para um curso profissionalizante, Orientação para o vestibular, Orientação a pais e professores, Orientação para a vida e reorientação na universidade.

A abordagem clínica é outra vertente importante e para que se possa compreender como a OP se estabelece neste contexto, é necessário, previamente, apresentar o conceito de psicologia clínica, que leva em conta a pessoa como um todo, com seus aspectos biopsicossociais mais profundos. Segundo Bohoslavsky (1998, p. 33 e 37), a Psicologia clínica é uma estratégia de abordagem do comportamento dos seres humanos e pode ser aplicada para se conhecer, investigar, compreender, modificar o comportamento dos seres humanos, agindo tanto no âmbito psicossocial (individual), como no sociodinâmico (grupal), institucional ou comunitário.

Pode-se afirmar que o autor caracteriza o trabalho do orientador profissional, dentro da abordagem clínica, como intervenções que podem ser realizadas com adolescentes e adultos, e frequentemente é praticado em consultórios ou clínicas psicológicas, sendo utilizada como abordagem individual ou grupal, dependendo do público e da demanda.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Por fim, a Abordagem Organizacional em OP é realizada, na maioria das vezes com adultos e está habitualmente ligada às Organizações, podendo ser empregada a orientação ou reorientação e planejamento de carreira, preparando o indivíduo para o desemprego ou para a aposentadoria, sempre interessada na saúde mental do trabalhador, prevenindo doenças e promovendo saúde. Neste momento atual, onde estão ocorrendo transformações tecnológicas do Brasil e no mundo, nesse período de desenvolvimento vocacional, que deveria ser de permanência, também podem ocorrer mudanças de emprego, costumam causar problemas de ajustes (SOARES, 2000, p. 36). Várias modalidades de OP podem ser propostas, dependendo da necessidade da organização à qual psicólogo está inserido, bem como da população com a qual o trabalho vai ser realizado.

A OP pode ser realizada em diferentes lugares, com diferentes objetivos, para diferentes populações, mas o que ela sempre deve ter em comum são os pressupostos teóricos básicos: o homem é sujeito de sua própria vida, é capaz de fazer escolhas mesmo em condições limitadas e, muitas vezes, determinantes.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA CONTEMPORANEIDADE

Com o intuito de compreender a OP nos dias de hoje, é necessário que se entenda o processo de globalização, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e as mudanças sociais e econômicas que afetam e fragilizam as estruturas sociais vigentes com consequências diretas e profundas sobre as pessoas e seus projetos de vida. Além disso, é de suma importância, compreender a fase da adolescência e suas transformações no que se refere ao mundo do trabalho e seus desafios.

As ciências sociais têm abandonado a ideia de adolescência e utilizado o termo juventudes, no plural, para indicar que não se trata de uma fase normativa do ciclo vital, nem estaria psicológica e biologicamente determinada. Contudo, a fase se configuraria como condições psicossociais de vida fortemente marcadas pelos *backgrounds* socioeconômicos e culturais da pessoa em desenvolvimento e não obedeceria, obrigatoriamente, a uma cronologia de vida, nem existiriam posições e conquistas sociais claras, como anteriormente eram a formação educacional e profissional, a inserção no mercado de trabalho e a constituição da família, tornando a separação entre juventude e a vida adulta mais complexa (LEVENFUS, 2016, p. 14)

Além da adolescência oferecer oportunidades para o crescimento no que se refere as dimensões físicas, nessa etapa do desenvolvimento humano acontecem as alterações cognitivas e sociais, o avanço da autonomia, autoestima e questões que envolvem intimidade e os questionamentos das escolhas profissionais.

Nos dias de hoje, a escolha de uma profissão é uma necessidade, porém, cada vez mais, é possível identificar jovens com maiores dificuldades para realizar tal escolha. Um universo de cursos e novas especializações tem surgido, a tecnologia está presente em todas as áreas, o fascínio por conhecer coisas novas vai tomando conta do jovem e o deixando mais confuso, em decorrência das inúmeras opções e modelos a serem seguidos.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Ser adolescente no século XXI se configura um desafio complexo para os adultos, para o Estado e, para o próprio adolescente. No que se refere aos adolescentes que precisam e necessitam lidar com o mundo adulto que não lhe fornece referências e modelos, pois são extremamente confusos e contraditórios, sendo obrigado a criar referências e construir formas de ser e estar em um mundo contemporâneo e caracterizado como complexo e flexibilizado. Para o Estado que tem na adolescência um problema central e urgente em termos de formação, inserção no mercado de trabalho, sexualidade, saúde e segurança. E para os adultos que não obrigados a lidar com padrões de referência e modelos de ação no mundo muito distintos dos seus (LEVENFUS, 2016, p. 13).

Diante de um mundo flexibilizado, complexo e heterogêneo, conforme anteriormente descrito, partilha-se da noção de que, o adolescente, ou jovem, vive um momento marcado pela transição de modelos, na qual velhos modelos ainda existem e novos modelos ainda não se consolidaram. Essa transição traz consequências negativas e positivas. Negativas, pois o adolescente não compreende qual modelo deve seguir ou se espelhar, fazendo com que o mesmo, se sinta desamparado, sem referências para elaborar seu futuro ou projeto de vida. Positivo, porque faz com que o jovem se sinta obrigado a elaborar seu próprio repertório, propiciando um espaço maior de abertura e criação, em termos psicossociais. Isso tudo é muito distinto da tradicional reprodução de modelos adultos, configurada basicamente ao longo do século XX.

Ainda convém lembrar que a adolescência é um processo necessariamente atravessado por condições sociais, econômicas e culturais, e não se pode negar que parte da população não passa pelos processos ou apresenta as características descritas, sendo que, em alguns casos, a passagem da infância para o mundo adulto ocorre diretamente. Não obstante, as mudanças sociais e o mundo do trabalho afetam a todos direta ou indiretamente, de formas possivelmente diferentes e com menor ou maior intensidade.

A Orientação Profissional passou por quatro estágios teórico-práticos. São eles: *informativo*, oferecia informações a respeito das profissões, suas perspectivas e exigências. *Psicométrico*, não atribuía tanta importância à realidade e à diversificação do mercado, mas valorizava as características pessoais para o sucesso em determinado campo profissional. O orientador, a partir da análise das funções exigidas em cada tipo de trabalho, avaliava inteligência, aptidões motoras e sensoriais, personalidade, além de definir qual a profissão mais adequada para o indivíduo. *Clínico*, enfatizava o papel ativo do indivíduo, atribuindo-lhe potencial e recursos para a autocompreensão e autodireção. O papel do orientador era facilitar o reconhecimento e o desenvolvimento do processo. *Político e social*, incluía como fator relevante o contexto sociopolítico do processo de escolha profissional, para o qual convergiam complexas configurações sociais passadas, presentes e futuras. (LEVENFUS; SOARES, 2010, p. 19)

O processo de OP sempre foi constituído como uma ferramenta facilitadora, contribuindo para que o jovem se conheça melhor, fornecendo, conseqüentemente, subsídios para que ele faça uma escolha madura, consciente e adequada em relação ao seu futuro profissional.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

O campo da OP está passando por uma reformulação, no que tange a dinâmica do mundo flexibilizado, cada vez menos previsível, o qual exige dos indivíduos, uma adaptabilidade, fazendo com que o orientador também empregue as ferramentas da OP, com mais destreza.

De acordo com Andrade, Meira e Vasconcelos (2002), a OP que esteve por um determinado período ausente das discussões dos meios acadêmicos, retornar agora, revestida de toda a força. É notório um aumento significativo da procura dos serviços de OP. Os meios de comunicação, de certa forma, vêm demonstrando um interesse crescente pela escolha de uma profissão (ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002, p. 3).

Para muitos jovens, a escolha da profissão é vista como uma das suas necessidades mais importantes e principais, pois o avanço da tecnologia e a complexidade do mercado de trabalho provocam incertezas, influenciando diretamente na vida profissional. O jovem, ao ter conhecimento de todos esses aspectos, passa a conviver com o medo de ser malsucedido profissionalmente, levando-o a se sentir inseguro quanto à questão da escolha certa.

O trabalho da OP indica um provável caminho a ser seguido para os jovens que almejam seguir uma carreira profissional. Embora haja um considerável debate do tema escolha profissional, ainda persiste uma grande desinformação sobre as carreiras por parte dos jovens, aumentando consideravelmente a dificuldade no momento de escolher uma profissão.

Segundo Levenfus & Soares (2010, p. 20), “os novos modelos de vinculação com o trabalho introduzem uma realidade que, na prática, aumenta as dificuldades do orientador profissional: a fragilização das instituições e a conseqüente desorientação e a exclusão social.”

A forma como a sociedade tem se reorganizado, vinculada às novas relações de trabalho, tem trazido novos espaços de intervenção, de reflexão e de trabalho para a OP. É por meio dessa recomposição, que a OP deve estar pautada, sempre atenta em sua atuação, pois o mundo das organizações não é o mesmo. Dessa forma, é possível se deparar com encruzilhadas profissionais, como por exemplo, conflitos de ordem social, institucional e psicológica, que será necessário conhecer e até prever, as condições futuras das profissões, que marcam a realidade dos jovens e dos trabalhadores nesse momento histórico.

As camadas médias e altas da população brasileira tem sido o alvo das práticas da OP, pois são elas que são inseridas no ensino universitário, desde a “democratização do acesso ao ensino superior”, ocorrida a partir da segunda metade do século XX, principalmente durante a ditadura militar (BOCK, 2008, p. 19).

Pode-se observar que a OVP tem sido uma prática exclusivamente para as classes mais altas, ou pelo menos aquelas que se encontram dentro das escolas privadas. São esses jovens que conseguem ingressar nas universidades, apesar do ensino hoje, ser considerado “democrático”. Com o acesso a essa classe mais abastada dentro das universidades, é bem esperado que a OP seja utilizada e empregada a este tipo de público, esquecendo e excluindo uma classe que necessita mais do que uma orientação a qual carreira deve seguir, mas carece de um apoio, capaz de orientá-los, no



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

tocante ao acesso a cursos superiores, bem como a outras escolhas vocacionais e mais do que isso, que é possível a qualquer indivíduo, ter uma educação de qualidade, com respeito e dignidade.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E AS CLASSES POPULARES: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Para discutir sobre a OP, no que tange as classes menos abastadas, é necessário a compreensão do sistema educacional brasileiro, suas dificuldades de implementação do ensino-aprendizagem e por fim, a situação socioeconômica em que o país se encontra. Ou seja, a marcação da história da OP, não deve estar desarticulada de processos sociais e políticos, pois a teoria e a prática desta ferramenta não devem estar desvinculadas da história, para que os fenômenos sociais e psicológicos não sejam naturalizados.

Como já foi discutido anteriormente, a OP no Brasil, foi historicamente marcada por ser uma prática vinculada a psicomетria, aplicada de forma individual e como principal população alvo o jovem de classe média e alta, que desejava ingressar num curso superior e tinha dúvidas com relação a essa escolha.

O famoso teste vocacional, que muitos realizavam antes de prestar vestibular, era reduzido ao Inventário de Interesses de Angeline (1954), que como o próprio nome diz, apenas levanta os interesses do sujeito e lhe aponta suas áreas de maior envolvimento. A OP, do começo do século XX aos anos 80, permaneceu reduzida apenas neste teste vocacional (RIBEIRO, 2003, p. 142).

Para a população empobrecida do Brasil, restava o destino do trabalho precoce, e quando uma qualificação profissional era uma possibilidade, sempre se constituía como alternativa de segunda linha o aprendizado de habilidades para o desempenho de um ofício. A formação de mão de obra no Brasil junto da história da política educacional, mostram a exclusão das classes populares da escolha profissional.

É de extrema importância levar em consideração a consolidação das Leis do Trabalho que proíbem o trabalho para menores de 16 anos, prevendo a possibilidade deste para pessoas com menos idade (a partir dos 14 anos) quando se trata de um trabalho que vise à aprendizagem profissional. Não é necessária nenhuma pesquisa científica para descobrir o perfil socioeconômico de quem são os “beneficiados” desta ressalva da lei.

As classes populares, que quase nunca são beneficiadas com um trabalho de Orientação Vocacional, por não terem acesso e desconhecer as possibilidades que poderiam ser ofertadas, nem em sua comunidade nem em sua instituição de ensino, acabam por não optarem por um curso superior ou de especialização, excluindo-os do seu projeto de vida e conseqüentemente do seu futuro.

É na escola que se tenta resolver o que aparece como problemático, seja no âmbito da família, seja no campo discente ou docente. Atribuiu-se a responsabilidade para a escola sobre o que fazer com o próprio desejo dos alunos e estabeleceu-se que é nas instituições de ensino que se deve aprender sobre sexualidade, gastronomia, balé, judô, astronomia e, por que não, decidir uma profissão. É controversa a ideia de que as escolas, principalmente as públicas, assumem a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

responsabilidade de falar sobre temas importantes, polêmicos e necessários, mas que excluem a possibilidade de tornar o jovem consciente no que tange a seu futuro profissional, seja ele ingressando num curso superior ou no mercado de trabalho.

É notório que a educação brasileira enfrenta problemas sérios dentro de suas instituições de ensino que envolvem os alunos, suas famílias e seus professores. Esses problemas se iniciam com os docentes que se encontram desatualizados e desanimados com relação ao processo de ensino-aprendizagem.

No que tange aos alunos, pode-se identificar os hiperativos, os indisciplinados, os que não aprendem, os que têm dúvidas, os que preferem ficar em casa em vez de passar o dia na escola, os que se entristecem, os eufóricos, os obesos, os magrinhos, os filhos únicos, os de famílias muito numerosas, os filhos de pais separados, os adotivos etc.

Em relação a família, muito provavelmente, encontram-se casais separados, pais desempregados, problemas financeiros e principalmente pais que não sabem como educar seus filhos, ávidos por um especialista que lhes indique como educar meninas e meninos para o sucesso.

Basta visitar qualquer instituição de ensino, principalmente as públicas, para ouvir histórias e depoimentos que não deixam dúvida: algo está acontecendo, ou aconteceu, que torna cada vez mais árduo o simples exercício da escolarização. Afeta desde a falta de atenção do aluno até evasão escolar, cada vez mais frequente, passando pelas violências verbais, quando não é um conflito aberto entre pais e professores por uma punição qualquer.

Mudanças importantes na política educacional brasileira alteraram substantivamente a quantidade de pessoas que tem acesso à escola, o que também modifica as circunstâncias da crítica à Orientação Profissional. A política educacional, que tem sido implementada nas últimas décadas no Brasil, tem priorizado a incorporação de populações anteriormente excluídas da escola. O discurso atualmente em voga dita que só os mais escolarizados terão a possibilidade de encontrar empregos. Implicitamente, ou até mesmo explicitamente, culpa-se o desempregado pelo seu próprio desemprego. Nesse discurso, a vítima se torna ré ao apontar que só a educação, cada vez mais ampla, poderá gerar postos de trabalho, quer sejam eles formais ou informais. O desemprego teria como causa a baixa escolaridade da população brasileira, o que explicaria a baixa produtividade do trabalhador e a pequena densidade na geração de empregos atualmente (BOCK, 2008, p. 23).

Com a democratização do ensino, as camadas mais baixas puderam estar presentes dentro das instituições, ampliando sua possibilidade de ascensão socioeconômica. Porém, não foi isso que aconteceu. Vários estudos e avaliações evidenciaram que as políticas implementadas, geraram uma escola desqualificada e despreparada, pois as políticas públicas não vieram acompanhadas da necessária melhoria na condição de ensino, tornando o processo de ensino-aprendizagem inferior aos das instituições particulares, gerando uma outra demanda que já foi apontada anteriormente: a preparação e qualificação dos docentes para lidar com uma demanda que é diferente do da escolarização particular.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Mesmo diante do atual cenário do ensino público, a permanência das classes mais baixas nas escolas acaba gerando uma demanda de ensino cada vez maior. Esse público que adquire universalidade no ensino fundamental e médio, clama por mais vagas no ensino superior. E como a maioria das classes populares frequentam as escolas públicas, a política educacional, no que se refere a vagas neste grau de ensino, prioriza a abertura e incremento de oportunidades no sistema privado, obrigando as classes menos abastadas a pagarem por seu ensino superior, já que não tiveram preparado suficiente para concorrerem com jovens de classe média e alta, que ingressam nas instituições públicas.

O sistema educacional brasileiro é controverso, injusto e por muitas vezes, cruel. Pois o jovem de classe baixa tem que se sustentar, contribuir com as despesas de sua família, ingressar no mercado de trabalho, para então garantir a sua vaga numa instituição particular. Já o jovem de classe média e alta não precisa garantir seu sustento, sua família é presente em todas as esferas de sua vida e consegue ingressar numa instituição pública, onde não tem que se precaver ou se preocupar com o próprio sustento e de sua família, pois obteve um ensino de qualidade que o ajudou a garantir sua vaga no sistema público superior.

Esses avanços conquistados, no sentido da ampliação do acesso das camadas pobres à universalidade, trazem uma questão que em nenhum momento foi debatida. Como essa classe escolherá seus cursos universitário? Nenhuma política foi pensada para ajudar esses jovens a refletirem a respeito do curso e profissão que irão seguir.

Diante do que foi discutido, surgem outras questões complexas e necessárias que precisam de respostas urgente. Como discutir possibilidades de escolha com adolescentes que compreendem a exclusão como sendo natural? Como mostrar a estes jovens a contradição existente na sociedade como um todo e não somente dentro do contexto onde vivem? Como falar em compromisso social quando a motivação das classes baixas é a sobrevivência? Como discutir reais possibilidades de escolha numa situação de total exclusão?

É necessário e de extrema importância e urgência que as políticas públicas educacionais brasileiras comecem a pensar na concepção de um currículo que abrigue, um projeto de Orientação Profissional para as escolas públicas. Indo mais além, e diretamente ao ponto de meu interesse, as políticas públicas devem estar cientes de que o aluno, além de se debruçar sobre as matérias do currículo básico, também deveriam estar debatendo e se questionando a respeito de seu futuro, se preparando desde cedo para as competições do ingresso no ensino superior, ou até mesmo do mercado de trabalho, daí que se identifica e se justifica a demanda da OP nos currículos das instituições públicas.

Os jovens necessitam conhecer as possibilidades reais e imediatas do mercado de trabalho, para que se possa construir estratégias para alcançá-las. Isso torna claro que é preciso conhecer as oportunidades que podem alargar a inserção deste indivíduo na Universidade, elaborando táticas que possam ser utilizadas para vencer as barreiras que consideram intransponíveis (WHITAKER; ONOFRE, 2003, p. 301).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Com base no que vem sendo discutido, a decisão de incluir um projeto de OP nas escolas pode estar atrelada à tentativa de resolver, na escola, algo que é visto como um incômodo e que provoca um certo mal-estar: a escolha de uma profissão. Há algum tempo, falar da construção do futuro no contexto do ensino público poderia parecer irrelevante, dada a expectativa quanto ao destino “natural” dos alunos: ingressar no mundo do trabalho tão logo concluído o ensino médio ou fundamental.

Os planos de carreira para as classes baixas, é constituído como uma sequência de ocupações, raramente interligadas, ou na melhor nas hipóteses, como ascensão de cargos em uma mesma empresa. O sonho de realização pessoal, mediante o exercício de um ofício escolhido por afinidade, é privilégio de poucos. Diante de tal perspectiva, não é de surpreender a quase inexistência de oferta de serviços de OP na escola pública, como já dito anteriormente.

Diante deste cenário que foi apresentado acima, surge outro questionamento no que tange aos modelos de OP historicamente criados e vigentes, qual o papel desta ferramenta frente às crianças e adolescentes que, pela sua condição de classe, enfrentam enormes obstáculos para se situarem profissionalmente?

A OP está sujeita a um processo de transformação contínua, pois o mundo está em constante mudanças, e a principal prova disto, seria a instabilidade e redefinição permanente, o que seria uma boa oportunidade para a OP rever seus conceitos e modelos de atuação (RIBEIRO, 2003, p. 143). O jovem de escola pública espera um auxílio com relação à inserção imediata no mercado de trabalho, pois falta informação do que existe e de como proceder. Nesse sentido, continua a trajetória dos pais, que estão em sua maioria inseridos no setor de comércio e serviços, e almeja um avanço futuro, que se concretizaria ao realizar um curso superior.

De acordo com Bock (2008), a OP não tem função, pois o sujeito não tem alternativas e é submetido e subjugado pelas estruturas da sociedade capitalista. A OP só serve para disseminar e simular a ideologia da classe dominante em seus orientandos. O jovem, especialmente aquele que está inserido nas classes populares, não pode nada, não escolhe nada, e o pior de tudo, nem se dá conta disso (BOCK, 2008, p. 46).

Dito isto, é importante que a OP repense e recrie sua forma de aplicação. Uma possível solução para esta complexa barreira entre jovens de classe populares e os modelos vigentes em OP, seria tirar de cena a tarefa de simplesmente facilitar a escolha, e agregar à grade curricular do ensino fundamental e médio, disciplinas que viabilizem o contato progressivo com o mundo do trabalho e que desenvolvam a habilidade de fazer escolhas e elaborar projetos, propondo estratégias alternativas ao esquema único de auxílio à escolha de um curso superior, afinal essa é apenas uma das inúmeras possibilidades existentes. Ou seja, é desconstruir, em parte, o modelo que foi criado e que está vigente até hoje, servindo apenas as classes altas e dominantes.

**RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A fim de refletir o tema relatamos uma experiência de estágio em processos educativos de um curso de graduação em Psicologia. Foram realizadas diferentes atividades, dentre as quais dinâmicas de grupos e testes psicológicos em três instituições do Município de Petrópolis, sendo duas da rede privada e uma da rede pública de ensino que serão denominadas: Escola Privada 1, Escola Privada 2 e Escola Pública 3. Os participantes eram: 28 alunos do 2º ano do Ensino Médio referente a Escola 1, na Escola 2, foram 17 alunos do 3º Ano do Ensino Médio e na Escola 3, foram duas turmas, totalizando 49 alunos. O projeto de intervenção foi planejado e desenvolvido com propósito de auxiliar os estudantes a realizarem uma escolha consciente e madura, no que tange ao futuro profissional.

A Escola 1 caracteriza-se como uma Instituição Cristã, pertencendo a uma determinada Congregação Religiosa, e localiza-se no Centro da Cidade de Petrópolis, cuja fundação data de 1981. Anuncia que sua finalidade maior é promover educação de excelência, fundamentada nos valores cristãos com vistas ao desenvolvimento integral do aluno, sua autorrealização, identidade e capacidade de interagir criticamente na sociedade.

A Escola 2 caracteriza-se também como uma Instituição Cristã, denominada Católica, e localiza-se também no Centro da Cidade de Petrópolis, cuja fundação data de 1969. Anuncia que sua finalidade principal é promover a formação integral da pessoa humana e o bom costume da sociedade, diante dos desafios atuais, por meio da excelência no ensino, pesquisa e extensão, inspirados pela mensagem cristã e apoiados pelos princípios da responsabilidade socioambiental.

A escola 3 é considerada uma Instituição Comunitária, sem fins lucrativos. Atua de acordo com as diretrizes da Política Nacional de Assistência Social, integrando o Sistema Único de Assistência Social. Todos os programas, projetos e serviços ofertados priorizam o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Informa que sua maior missão é ofertar programas, projetos e serviços de acordo com a Política Nacional de Assistência Social, voltados às pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, contribuindo, assim, com a formação de cidadãos capazes de produzir mudanças sustentáveis e de valor na sua própria vida e na sociedade.

A abordagem utilizada em ambos os projetos foi a sócio histórica (BOCK, 2008) em que a escolha da profissão é algo a ser construído pelo sujeito, pelos saberes apropriados e construídos ao longo da vida escolar, bem como por meio das inúmeras experiências vivenciadas nos grupos social e cultural nos quais se insere. Sendo assim, os testes que foram aplicados em todas as instituições, não possuíam a finalidade de estabelecer padrões rígidos em relação a escolha profissional, mas foram empregados e analisados, como ferramenta auxiliar no processo de autoconhecimento e escolha.

Pautado nas observações realizadas no decorrer de todo o processo de Orientação Vocacional, são necessárias algumas ponderações relevantes. No que diz respeito aos alunos das Instituições Particulares, foi possível identificar que é necessário estimular e promover a maturidade e a autonomia dos jovens de escolas privadas, para que eles possam compreender os movimentos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

sociais, os atravessamentos institucionais (político, familiar, educacional) e ter momentos de maior introspecção com o propósito de autoconhecimento para que possam se sentir como personagens atuantes na sociedade a fim de tomar uma decisão mais madura. Diferente dos jovens da Instituição Pública, em que é necessário logo cedo, preocupar-se com a sua própria sobrevivência, e por muitas vezes a sobrevivência de sua família. A maioria possui uma grande capacidade de resolução de problemas, fazendo com que os mesmos se tornem pessoas mais maduras e autônomas.

Na Instituição Pública foi possível identificar que a OP assume um papel muito maior do que simplesmente auxiliar o jovem no processo de autoconhecimento para que ele realize uma escolha madura e consciente, no que tange ao seu futuro profissional. Foi necessário estar atento à dinâmica de funcionamento da escola pública no tocante ao planejamento de suas ações, sempre tendo em mente que a intervenção poderia também contribuir para a superação dos desafios que se impõem à educação naquele contexto. No que pôde ser observado, tais desafios eram o de tornar a escola um efetivo espaço de preparação para a vida, estimulando os alunos a estar sempre em constante aprendizado, construindo sua autonomia e de formação de cidadãos engajados na construção do bem comum, da solidariedade e da justiça social. Ou seja, foi trazer à tona e tornar consciente, a esses alunos da rede pública, que aquele espaço é um lugar para aprender e potencializar suas habilidades, para se desenvolver como cidadãos e por último, mas não menos importante, ressaltar que aquela instituição, é um lugar de ascensão social, e que a OP tem a função de auxiliar em todas essas demandas.

Ao chegar à conclusão do Ensino Médio há uma expectativa da sociedade, de que os jovens definam ou já tenham definido o futuro que vão seguir. É cobrado deles o que vão fazer a partir daquele momento, principalmente no que tange a seu futuro profissional. Para alguns, este é um momento extremamente difícil, pois as escolhas são complexas e possuem variáveis tanto subjetivas como sociais influenciadas por outros atores, como a família, o grupo social a que pertence e a escola. Existem muitas dúvidas neste momento e é necessário realizar alguns percursos para identificar quais são as opções existentes e o modo mais viável para alcançá-las. É preciso salientar que estas escolhas são delimitadas socioeconomicamente, e que, portanto, o leque de opções fica mais ou menos restrito.

A escola também participa desta construção por meio de suas políticas educacionais que podem direcionar estas escolhas, ajudando seus alunos a pensar no ensino superior, encaminhá-los para cursos técnicos ou ainda ensiná-los a priorizar algumas formas de trabalho em detrimento de outras. De uma maneira geral, as Instituições onde foram realizados os estágios, acolheram o projeto deixando claro que essa é uma demanda recorrente e contínua.

Foi possível identificar questões que surgiram com muita frequência, a saber: nas instituições particulares, como já dito anteriormente, é necessário acolher os alunos e trazer à tona a questão da autonomia e independência, pois são dois fatores muito pontuais que aparecem sempre nas discussões e nos resultados dos testes. Outra questão muito presente nas discussões da rede privada é a pressão que os alunos sentem em relação à sua família, para escolher um curso



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

universitário. Constatou-se que a família está mais preocupada na escolha em si, do que no processo de autoconhecimento e descoberta que a OP pode proporcionar.

As principais demandas levantadas pelos alunos da rede pública, apontam para a exploração e o conhecimento de possibilidades concretas de inserção no mundo do trabalho, que parecem ser informações que não estão acessíveis a eles. É importante salientar que para esses alunos é notório a falta de uma referência de como explorar as possibilidades no mundo do trabalho e de como relacionar suas características pessoais e sociais a essas possibilidades. O sentimento de desinformação é praticamente total sobre o mundo do trabalho, a falta de material e de instrumentos psicológicos, que possam esclarecer sobre as possibilidades de inserção no mercado de trabalho são escassas, pois o material existente é voltado para as profissões de nível superior e tecnológicos, servindo somente para as classes média e alta que, com maior frequência conseguem fazer o ingresso imediato do Ensino Médio para a Graduação.

A falta de compreensão dos orientandos da rede pública ao realizarem os testes, dificulta consideravelmente o processo de OP, pois o tempo que a instituição fornece para que sejam realizadas as intervenções são cronometrados e não podem ser ultrapassados, para não prejudicar as atividades curriculares. O curso superior ainda se mostra como a grande meta a ser alcançada, mas que é colocada em questão, pois essa não parece ser a realidade imediata dos alunos da rede pública, que têm alguma clareza de que seus caminhos após o término da educação de nível médio passam prioritariamente pela busca de um posto de trabalho.

Embora os alunos possuam dificuldades em relação à compreensão do significado de algumas palavras ou expressões, dificultando a execução dos testes psicológicos, grande parte da turma se mostrou empenhada durante o processo de intervenção, tornando o caminho mais prazeroso e construtivo e refutando a afirmação de que estudantes de escolas públicas, não participam de um processo de orientação vocacional com empenho, seriedade e honestidade. Dito isso, é extremamente importante a necessidade de um trabalho de Orientação Profissional que fosse realizado especificamente para esses alunos da rede pública, criando uma necessidade de espaços de reflexão sobre o futuro e o que fazer já no presente, sempre esclarecendo que o curso superior não é o único caminho para o sucesso profissional.

Nota-se também, que a maioria dos alunos da rede pública apresentam um histórico familiar de ascensão na escolaridade, mas que parece não estar se refletindo no campo profissional, pois a trajetória familiar mostra um progresso em funções técnicas e no setor de serviços. O curso superior parece não representar na cultura familiar desses alunos, fator de ascensão profissional.

Considerando a importância da OP dentro do contexto educacional, foi possível constatar que é extremamente necessário e viável a realização de um projeto de OP para os alunos. As escolas públicas deveriam ser um espaço para reflexão e formação de pessoas, mas parece não estar cumprindo o seu papel de auxiliar o jovem na construção do seu projeto profissional.

Conclui-se, portanto, que a falta de informação profissional e de fontes de pesquisas relativas à sua realidade socioprofissional leva o jovem das classes populares a não terem acesso às



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

possibilidades de alcance real a um projeto profissional, e o orientador vocacional acaba por não se constituir como agente de auxílio, pois ele não está presente nos espaços em que o jovem da escola pública poderia utilizar seus serviços. Além disso, quando o orientador se faz presente nas redes de ensino público, possui grandes dificuldades para colocar em prática intervenções que contenham dinâmicas específicas para esse tipo de público, dificultando o ofício da OP para as classes populares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou refletir a respeito das abordagens em OP, principalmente no que tange as classes populares, bem como a sua importância como ferramenta para promover e prevenir saúde, visto que, ainda hoje a OP é entendida e aplicada somente para classes mais abastadas e somente com a sua última finalidade, a escolha de uma profissão ou vocação.

Em seu início, a OP visava analisar aptidões para melhor ajustamento do trabalhador ao trabalho, descobrindo na década de 60 a importância do autoconhecimento para a realização pessoal na profissão. O contexto político marcado pela ditadura, no entanto, não permitiu o desenvolvimento da Psicologia Clínica e contribuiu para que a OP permanecesse restrita às perspectivas experimentalistas e psicométricas por muitos anos. Foi no início da década de 80 que emergiu uma perspectiva realmente clínica em OP, assim como novos questionamentos e posicionamentos diante da realidade social. A partir da década de 90, é possível constatar que a OP tem sido enfatizada em três diferentes perspectivas: a perspectiva psicométrica, a perspectiva clínica e a perspectiva que valoriza as discussões sobre o trabalho no modo de produção capitalista.

Dentro desta ótica, dependendo da necessidade da organização a qual o orientador está inserido, bem como da demanda que uma determinada população possui, poderá ser desenvolvido um projeto de OP, no qual possui várias modalidades que poderão ser empregadas da melhor forma possível.

Dito isto, a OP pode ser realizada em diferentes instituições, com diferentes objetivos, para diferentes populações, mas o que ela sempre deve ter em comum são os pressupostos teóricos básicos: o homem é sujeito de sua própria vida, é capaz de realizar escolhas mesmo em condições precárias ou limitadas e, por muitas vezes, determinantes.

O estudo tornou possível ainda, verificar que a Psicologia se tornou responsável pelas práticas da OP, a partir do momento em que conseguiu aproximar as contribuições da Psicologia Social, trazendo a subjetividade dos indivíduos à tona, levando em consideração as características pessoais, como por exemplo, a situação socioeconômica, as vulnerabilidades de cada ser humano, junto das técnicas psicométricas que já vinham sendo utilizadas há algumas décadas.

Foi possível o entendimento acerca do processo de globalização, do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e as mudanças sociais e econômicas, que afetam e fragilizam as estruturas sociais, com consequências diretas e profundas sobre as pessoas e seus projetos de vida, a fim de compreender a complexidade da OP na contemporaneidade.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

Diante do exposto, as práticas de OP devem estar pautadas na perspectiva de uma sociedade que tem se reorganizado constantemente, se vinculando as novas formas de relações de trabalho, trazendo novos espaços de intervenção e de reflexão. Portanto, é possível se deparar com impasses profissionais complexos, como por exemplo, conflitos de ordem social, institucional e psicológica, exigindo do orientador conhecimento necessário, pertencente as condições futuras das profissões, que marcam a realidade dos jovens brasileiros, sobretudo os da classe baixa.

É nesse sentido que se pode concluir a respeito da inexistência de modelos teóricos e metodológicos mais específicos ou adequados para atuação no contexto de OP na rede pública de ensino.

Para que a atuação nas classes populares, mais especificamente nas escolas públicas seja realizada de maneira assertiva e eficaz, é necessário repensar o que já se tem disponível em relação às teorias e práticas e a partir daí reconstruir ou elaborar novos modelos de atuação que se adequem a realidade vivida por essa população.

Espera-se que a OP possa se tornar uma prática mais global e democrática, e não restrita somente a determinados grupos com demandas específicas, mas que possa atender a todos aqueles que necessitem de uma orientação para elaboração ou reelaboração do seu projeto de vida profissional.

Fazer parte do projeto pedagógico da escola sendo parte integrante do currículo escolar seria um passo importante para a Orientação Profissional como estratégia em escolas públicas, a fim de atender as classes menos abastadas.

Por fim, espera-se que novos rumos sejam tomados pela Orientação Profissional, envolvendo a atualização permanente e o compromisso ético dos orientadores, a luta por políticas públicas que possam financiar pesquisas e projetos que levassem a transformar a OP em um campo de produção de conhecimento e de práticas que abrangessem a todos, especialmente aqueles que não possuem condições socioeconomicamente elevadas.

REFERÊNCIAS

ABADE, Flávia. Orientação Profissional no Brasil: Uma Revisão Histórica da Produção Científica. Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2005.

ANDRADE, Josemberg; MEIRA, Girlene; VASCONCELOS Zandre. O Processo De Orientação Vocacional Frente ao Século XXI: perspectiva e desafios. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 22, n. 3, set. 2002.

BOCK, Silvio. **A Escolha Profissional de Sujeitos de Baixa Renda Recém Egressos do Ensino Médio**. 2008. 159 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

BOCK, Silvio. **Orientação Profissional para as Classes Pobres - Construindo o Compromisso Social da Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2010.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional: A estratégia Clínica**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA CLASSES POPULARES: DESENVOLVENDO A RESPONSABILIDADE SOCIAL DA PSICOLOGIA
 Douglas Amorim Alves Dias, Cristiane Moreira da Silva, Luiz Felipe de Oliveira Pacheco

- FERRETI, Celso. **Uma Nova Proposta de Orientação Profissional**. São Paulo: Cortez, 1988.
- HIRT, Lígia. **Análise das Expectativas Dos Jovens Sobre Escolha Profissional e Orientação Profissional Numa Escola Pública de Ensino Médio**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2010
- LEVENFUS, Rosane. **Orientação Vocacional e de Carreira em Contextos Clínicos e Educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- LEVENFUS, Rosane; SOARES, Dulce. **Orientação Vocacional Ocupacional**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LIMA, Andréia. **Orientação Vocacional & Coaching de Carreira: dicas e estratégias para a construção de uma carreira de sucesso**. São Paulo: Leader, 2016.
- LUCCHIARI, Dulce. **Pensando e vivencção a orientação profissional**. 9. ed. São Paulo: Summus, 2017.
- RIBEIRO, Marcelo. Demandas em Orientação Profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, 2003.
- SOARES, Dulce; LISBOA, Marilu. **Orientação Profissional em ação**. São Paulo: Summus, 2000.
- SPARTA, Mônica. O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre, 2003.
- VALENTINI, Deborah. **Orientação Vocacional: O que as escolas têm a ver com isso?**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.